

Vista interior da Basilica de S. Pedro em Roma

Quando o celebre Dupaty viajava na Italia, em 1785, sentio-se profundamente impressionado pela vista da igreja de S. Pedro em Roma; declarando até, que era impossivel encontrar em lingua alguma expressões assás elevadas para fallar dignamente de um tão grandioso templo.

E como não seria prodigioso, diz Dupaty, um edificio projectado pela vaidade de Julio II, que pretendia ter por tumulo um templo; emprehendido pelo genio de Leão X, que desejava formar de todas as obras primas uma obra primorosa; e, finalmente, ao cabo de muitos seculos, rematado pelo character de Sixto V, que tudo rematava e concluia?

O mesmo escriptor proseguia, dizendo: «Nada póde pintar o arrebatamento que se apodera da alma, quando pela primeira vez se entra na igreja de S. Pedro, — quando nos vemos nesse espacoso local; entre pilares enormes; diante d'essas columnas de bronze; ao aspecto d'esses quadros, de todas essas estatuas, mausuléos, altares; por baixo d'esse zimbório... finalmente nesse vasto recinto, onde o orgulho dos maiores pontifices e a ambição de todas as bellas artes não cessam, ha muitos seculos, de acrescentar — em granito,

em ouro, em marmore, em bronze e na pintura, — grandeza, magnificencia, duração.»

Arrebatado de entusiasmo pela sublime magestade do templo, que deve a Miguel Angelo de-soito annos completos de vida e de trabalho, — d'esse templo, que apesar de muitos defeitos captiva, no seu todo, a alma do homem, e suscita pensamentos elevados; arrebatado, digo, de entusiasmo, rompe Dupaty nestas vozes:

— Que theatro para a eloquencia da religião! Desejaria eu que um dia, no meio do apparato mais pomposo, se erguesse a voz d'um Bossuet, trovejando de repente na profundeza do silencio, rolando de tumulos em tumulos, e repetida por todas essas abobedas! Desejaria que então essa voz fizesse cair sobre um auditorio de Reis a palavra soberana do Rei dos Reis, para pedir contas, ás consciencias despertadas d'esses monarchas pallidos, de todo o sangue, de todas as lagrimas que neste momento fazem elles correr na superficie da terra!... =

— Deixando agora as expressões entusiasticas de Dupaty, apontaremos alguns elementos positivos de informação.

O comprimento da Basilica de S. Pedro em

Roma é de 565 pés, e a sua altura de 136. Consistem os ornatos, principalmente, em estatuas, e figuras de alto e baixo relevo, todas de marmores preciosos: os capiteis, frisos, e molduras são doirados, e do lavor mais primoroso. As principais capellas estão enriquecidas de mosaicos, que reproduzem, pela maior parte, os mais bellos quadros dos grandes mestres. — É notavel a estatua colossal de S. Pedro, feita com o bronze da do Jupiter Capitalino. — Chamam particularmente a attenção dos visitantes os monumentos sepulchraes de alguns soberanos, e de muitos pontifices. Muitos d'esses monumentos são na realidade admiráveis. — Se as naves lateraes, e as numerosas capellas que as ornam, têm sido objecto de censura da critica dos entendedores, é certo que a nave central, ou corpo da igreja, que a nossa estampa representa, passa por ser, aos olhos dos mesmos entendedores, uma obra magnifica e sublime: a abobeda semicircular que a cobre, toda enriquecida de almofadas, esculpturas, e ornatos doirados, produz o mais esplendido e maravilhoso effeito.

Quando se trata do mais bello edificio do mundo, custa a quem falla d'elle desprender-se da sua descripção. A basilica, que primitivamente fôra edificada por Constantino no local em que estiveram os jardins de Nero, esteve logo no seculo XV para ser transformada por Nicoláo V. Coube, porém, a Julio II a gloria de lançar a primeira pedra da nova edificação, em 1506, e aos pontifices — que se lhe seguiram — a de a concluir. Os mais celebres architectos dos tempos modernos, Bramante, Miguel Angelo, Vignola, Maderno e o Bernin, consagraram a essa obra, verdadeiramente colossal, os seus talentos e esforços de grandes artistas. — Crê-se que este edificio assombroso viria a custar uns sessenta mil contos de réis!

NICOLÁO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e político

Questo é il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 369)

IV

Vimos hoje dar noticia de uma composição litteraria de Machiavel, que embora tenha a menos elevada condição de *novella*, brilha pelo estylo e pela linguagem, e mereceu á Academia della Crusca a consideração de obra classica.

A NOVELLA «BELFEGOR»

Crê-se que Machiavel, se houvesse consagrado exclusivamente o seu talento á composição de *Novellas*, como Bocaccio, teria deixado este a perder de vista, e conquistado indisputavelmente o primeiro lugar, entre os italianos, em tal genero de litteratura.

Os criticos que assim pensam, tomam como fundamento do seu juizo as excellencias que encontram na *Novella* que o Secretario Florentino compoz, com o titulo de *Belfegor arcidiavolo*.

Ginguené, fallando desta *Novella*, exprime-se nos seguintes termos: «... elle est rédigée avec tant d'intérêt, qu'on regrette, en la lisant, que l'auteur n'en ait pas composé un plus grand nombre.» (1)

Baretti encarece ainda mais entusiasticamente o merecimento desta producção de Machiavel, e sem hesitação põe o *Belfegor* acima de todas as *Novellas de Bocaccio*, aliás tão celebres e recomendaveis. Invenção admiravel, graça e encanto nos pensamentos, lucidez de narração... tudo encontra Baretti no *Belfegor*.

«Nessuna in verità, *dix elle*, vuoi per pellegrina invenzione, vuoi per grazia e piacevolezza di successive pensieri, o vuoi per nittidezza di narrare: cosicchè, se Niccolò s'avesse voluto sconciare a comporne un competente numero, è cosa molto piu che probabile, che Messer Giovanni non terrebbe il primo scanno come Novelliere.» (2)

Vem Baretti dizendo: Leiam, ainda os mais apaixonados do *Decamerone*; a *Novella de Belfegore*, e digam se lá encontram alguma que possa comparar-se com esta!

E depois acrescenta:

«Nenhuma, em verdade, ou seja pelo primor da invenção, ou seja pela graça e encanto de pensamentos que se vão seguindo, ou seja pela lucidez e exacção da narrativa: e assim succede que, se Machiavel tivesse composto maior numero de *Novellas*, é mais do que provavel que não teria Messer Giovanni (*Boccaccio*) o primeiro posto entre os *Novellistas*.»

Não é só, porém, pelas qualidades indicadas, que se distingue o *Belfegor*; é tambem pela pureza da linguagem, e pela fluidez do estylo; a ponto de que os academicos della *Crusca* consideraram classica esta obra, e a citaram no seu *Vocabulario*, como texto da lingua toscana,—consideração que, aliás, nem todas as outras obras de Machiavel mereceram.

Qual é o assumpto desta *Novella*? Eil-o aqui em resumo substancial:

Minos e Radamento notaram que a maior parte das almas, que entravam no Inferno, attribuiam a sua desgraçada sorte ao facto de se terem enlaçado matrimonialmente com as mulheres. Os dois severos juizes, e todos os seus collegas do Averno, impressionados vivamente pela singularidade de taes revelações, vão ter com Plutão, o qual resolve chamar a conselho todos os principes infernaes, para examinar pausadamente a questão, e habilitar-se para tomar uma providencia que melhor conduzisse ao descobrimento da verdade.

Celebra-se o conselho, e depois de renhido debate, assenta-se em mandar ao Mundo um dos principes infernaes, em fôrma de homem, encarregado de empregar todos os meios de conhecer a verdade ou a falsidade da declaração das almas infelizes.

É escolhido para aquella missão o archidiabo *Belfegor*. Dão-se-lhe os criados, vestidos, dinheiro, etc., indispensaveis para bem desempenhar o difficil papel que ia representar, qual era, especialmente, o de se enlaçar pelo meio de ma-

(1) *Hist. Litt. d'Italie*. Tomo 8.º, cap. XXXIV.
Cumpre observar que o *Belfegor* é a unica *Novella* que se encontra nas obras de Machiavel; no entanto, assevera Matteo Bandello que o Secretario Florentino lhe lera outra.
(2) *Prefazione alle opere del Machiavelli di Giuseppe Baretti*.
Na edição de todas as obras de Machiavel de 1772, de Londres:
— *Tutte l'opere di Niccolò Machiavelli*. In Londra. 1772.

trimonio com uma mulher da Terra. *Belfegor* fixa a sua residencia em Florença, toma o nome de *Roderigo*, e apresenta-se como um negociante que em Aleppo adquirira grandes cabedaes.

Não tarda em attrair as attencões do sexo gentil, pelos encantos de sua pessoa — *era Roderigo bellissimo uomo, e mostrava una età di trenta anni* —; e não menos em desafiar a avidez dos paes de familia, os mais nobres, em rasão do luxo que ostentava, revelador de riquezas consideraveis. Dest'arte pôde escolher muito á sua vontade uma esposa; e, com effeito, pareceu ter acertado, casando com uma lindissima Florentina, da primeira nobreza, chamada Onesta — *una bellissima fanciula chiamata Onesta* —.

A lua de mel foi deliciosa, e tudo correu ás mil maravilhas; mas depois principiou a senhora dona Onesta a exceder em orgulho o proprio Lucifer — *tanta superbia che non ebbe mai tanta Lucifero*; vieram os caprichos mais extravagantes, as insaciaveis exigencias das modas e do luxo, o despotismo violento sobre a condescendencia e fraqueza de um marido apaixonado, o custoso encargo de enriquecer toda a familia da cara metade, etc. etc. *Belfegor*, depois de um longo martyrio, toma a desesperada resolução de abandonar a esposa, fugindo de Florença; demora-se ainda algum tempo entre os homens, já livre do pesado jugo; mas, quando um dia o ameaçaram com a chegada de Onesta, corre pressuroso a afundir-se na morada infernal, para escapar ao perigo e á desgraça de tornar a juntar-se com sua mulher — *e volle piuttosto tornarsene in Inferno a render ragione delle sue azioni, che di nuovo com tanti fastidi, dispetti, e pericoli sottoporsi al giogo matrimoniale*.

— Para que os leitores façam idéa da belleza de linguagem desta *Novella*, transcreverei aqui o discurso que Phitão proferio no congresso dos principes infernaes, que resolvera convocar a conselho:

= Ancor che io, diletissimi miei, per celeste disposizione e per fatal sorte al tutto irrevocabile possegga questo regno, e per questo io non possa essere obbligato ad alcun giudizio o celeste o mondano, nondimeno perch'egli è maggior prudenza di quelli che possono piu sottomettersi alle leggi, e piu stimare l'altrui giudizio, ho deliberato essere da voi consigliato come in un caso, il quale potrebbe seguire con qualche infamia del nostro imperio, io mi debba governare; perchè dicendo tutte l'anime de li uomini che vengono nel nostro regno esserne stato cagione la moglie, e parendoci questo impossibile, dubitiamo che dando giudizio sopra questa relazione, non possiamo essere calunniati como troppo crudeli, e non dandolo come manco severi e poco amatori della giustizia. E perchè l'un peccato è da uomini leggieri, e l'altro da ingiusti, e volendo fuggire què carichi che dall'uno e dal altro protrebbero dependere, e non trovandone il modo, vi abbiamo chiamati acciochè consigliandone ci ajutate, e siate cagione che questo regno come per lo passato è vivuto senza infamia, così per l'avvenire viva. =

Como se dissesse:

= Ainda que, queridos meus, por disposição celestial, e por destino fatal e irrevogavel, eu seja o Rei deste reino, e não deva, por isso, estar sujeito a juizo algum do Céu, nem da Terra;

comtudo, porque a prudencia aconselha aos poderosos a submissão ás leis, e a deferencia para os conselhos de outrem, deliberei-me a consultar-vos sobre o modo porque devo proceder, em um caso que poderia infamar o nosso Imperio. Dizendo todas as almas de homem que entram neste reino, ser a mulher a causa da sua desdita, e parecendo isto impossivel, hesitámos — ou em proferir julgamento, receiando a imputação de grande crueldade, — ou, não o proferindo, a imputação de menos severidade e amor de justiça. E porque um daquelles peccados é proprio de homens leves, e outro, de injustos; e não encontrando modo de evitar qualquer daquelles inconvenientes: vos convoquei para que me auxiliéis com o vosso parecer, afim de que este Imperio continue a existir puro, como até agora tem existido. =

— Afóra a pesada censura que Machiavel lança sobre a cabeça das creaturas do sexo feminino, e é esse o seu principal intento, — não deixa escapar occasião alguma de castigar os vicios, as ruins paixões, e os preconceitos, onde quer que os encontra.

Querendo stygmatisar a disposição dos Florentinos, do seu tempo, para a usura, faz que *Belfegor* escolha Florença para domicilio, no intuito de augmentar os seus cabedaes: *entrò onoratissimamente in Firenze, la qual città innanzi a tutte l'altre ellesse per suo domicilio, come quella che gli pareva piu atta a sopportare chi con arte usuraria esercitasse i suoi danari*.

Não lhe escapa criticar a tendencia dos nobres para aproveitarem as riquezas dos humildes de nascimento, no enlace matrimonial de suas filhas: *e avendo in pochi giorni dimostro di quante ricchezze abbondasse... molti nobili cittadini che avevano assai figliuole e pochi danari, se gli offerivano*.

Na pintura do insupportavel genio de dona Onesta de tudo se lembra, descendo até a notar que em casa della não paravam creadas, nem creados: *e non erano in casa sua nè serve nè serventi che, non che molto tempo, ma brevissimi giorni potessero sopportare*.

A superstição geral no seu tempo a respeito de endemoninhados é mettida a ridiculo, e sem piedade: *nè mancarono i parenti di farvi di què rimedi che in simile accidenti si fanno, ponendole in capo la testa di san Zanobi e il mantello di San Giovanni Gualberto, etc. etc.*

¿ Como foi Machiavel tão severo contra o sexo gentil e mimoso? Teria acaso que desaffogar um ressentimento pessoal?

Um critico italiano lança o rigor do Secretario Florentino á conta do estado das cousas no tempo deste. A educação que então se dava ás senhoras era parte para que um numero consideravel de casamentos fosse visitado da infelicidade; de sorte que os maridos, em vez de encontrarem companheiras queridas, que lhes adçassem a existencia, eram condemnados a cohabitar com pessoas que os amarguravam, e lhes faziam padecer martyrios. Contra esse infortunio, quasi geral, erguiam a voz, em prosa e em verso, os satyricos daquella época; deslembrando-se de que não eram culpadas sómente as mulheres, e de que o mal devia tambem ser explicado pela viciosa organização da sociedade, que de modo algum procurava promover o aperfeiçoamento moral da especie humana.

Crêem alguns que Machiavel, ao escrever o *Belfegor*, obedecia a impulsos de desaggravo pessoal; e tanto mais assim o pensam, quanto é geralmente admittido que não fôra elle muito afortunado no consorcio.

Objecta-se contra este modo de ver as cousas, com as expressões de ternura que Machiavel empregára, fallando de sua esposa — Marieta Corsini — nos dois testamentos que fizera, dizendo em ambos: *Dominæ Mariettæ uxori suæ dilectæ*. — Replica-se, porém, que essas expressões, por serem de mera formula, não pôdem ter bastante força para destruir a crença mais generalizada.

Neste rumo navega o atilado Lord Macaulay, exprimindo-se nos seguintes termos: = A novelzinha de *Belfegor* é agradável — no plano e na execução; Machiavel, porém, não soube conter-se nos limites da ficção. — talvez porque se deixou arrastar do proposito de vingarse da sua propria desventura, qual a de ser infeliz com sua mulher. =

No entanto, dois historiadores litterarios, que muito a fundo estudaram a vida e os escriptos de Machiavel, Ginguené e Arlaud, combatem uma tal explicação.

Ginguené discute este ponto, e impugna os que asseveram ter sido Machiavel infeliz com a sua consorte.

Artaud é tambem de opinião, que não ha fundamento para crer que vivesse Machiavel em desintelligencia com sua mulher, — e exclue formalmente a idéa de que o Secretario Florentino tivesse intenção de fazer conhecer no *Belfegor* o caracter de Marieta.

Seja, como fôr; é certo que fez Machiavel dois testamentos, e que em ambos qualifica de — *sua querida mulher* — Marieta Corsini. O primeiro foi feito em 1511, e o segundo em 1522. No segundo deixou-lhe uma quinta com as terras annexas; roupas, moveis, etc., bem como outra casa para a habitação do quinteiro; e declarou ser sua vontade que ella continuasse a occupar um quarto na casa da cidade, — Sabe-se, graças ás investigações de José Molini, que esta casa era sita na rua dos Guicciadini, onde o mesmo Molini mandou pôr esta inscripção: *Casa ove habitò Niccolò Machiavelli, e nella quale morì*. — A sua filha Bartholoméa deixou um legado especial, — e instituiu por seus herdeiros os quatro filhos varões que então tinha, e os mais que houvessem de nascer.

Nada do que diz respeito a um grande homem é indifferente; e por isso nos demorámos nestas miudezas, — tanto mais, quanto podemos descobrir que Machiavel deu mostras de estima e de confiança para com sua mulher, encarregando a de administrar todos os bens do casal.

Muito alegremente observa Arlaud, pelo exame do segundo testamento, que os bens de Machiavel tinham augmentado, pois que possuia em 1522 quatro casas de campo, habitações de feitores, campos separados, e vinhas.

Crê-se que Leão X foi seu bemfeitor; e que tambem na generosa bondade dos Vettori, dos Buondelmonti, e dos Ruccellai encontrou meios de melhorar a sua fortuna. «Só a Inglaterra, pondera Arlaud, offerece hoje tão nobres soccorros, directamente feitos aos grandes homens desgraçados.»

— Não devo omitir a ponderação de que o

conto de *Belfegor* foi imitado por La Fontaine, de um modo mais feliz do que o grande fabulista francez imitou a *Mandragora*. Na imitação, porém, accomodou-se La Fontaine aos hábitos, aos usos, e ás especialidades caracteristicas do seu paiz, como que para nacionalisar, digamol-o assim, o conto que introduzia na lingua franceza.

Ha tambem nas Fabulas do mesmo La Fontaine uma, que apresenta reminiscencias do conto de *Belfegor*, e se intitula — *O mal cazado*. — Um marido, não podendo mais soffrer o genio de sua mulher; toma a resolução de a mandar para casa de uns parentes no campo. Passaram tempos, e imaginando que a cara metade estaria transformada e mansa, a manda voltar; eis se não quando reconhece que não houve emenda, e assim a despede para sempre:

MARIDO

— *Senhora, se o teu genio é tão azedo,
Que os que te aturão só pequeno prazo,
Já de te ver se cansão;*

*Dos servos que será, que o dia todo
Contra elles te verão sempre agastada?
Que será do Marido, que tu sempre
Pendurado quizeras á cintura?*

— *Adeos. Torna-te á Aldeia;*

*E, se enquanto eu viver, a mim te chamo;
E tal querer me entoje, tenha eu sempre,
Junto ás minhas ilhargas*

Duas taes, como tu, por meus peccados. — (1)

No artigo immediato daremos noticia de um escripto muito notavel de Machiavel, a *Vida de Castrucio Castracani*, obra prima em pontos de estylo e de linguagem.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

NAPOLLES

Para fallar de Napoles, ha mister que o escriptor se deixe repassar do entusiasmo, que tantos e tantos viajantes illustres têm manifestado em suas descrições d'aquelle encantado complexo de bellezas mil.

O celebre Dupaty, que viajou na Italia quasi no fim do seculo passado (em 1785), communica aos leitores um desejo ardente e invencivel de ir ver a bella cidade de Napoles e os seus arredores arrebatadores. Ouçamol-o:

«*Vêr Napoles, e depois morrer!* dizem os napolitanos; mas eu diria antes: *Vêr Napoles, e depois viver!*»

«Defronte de Napoles, e a distancia de desoito milhas no mar, descobre-se a ilha de Caprea. Terrivel Tiberio! — Duas cadeias de collinas cingem aquelle mar, parecendo que vão ter com a ilha de Caprea, para fecharem a passagem aos navios. — Cada uma d'essas collinas é ao mesmo tempo favorecida pela natureza e pelas artes. Se aquella ostenta *Portici, Herculanium, Pompeia*, um grande numero de casas de campo, — esta ostenta o formoso passeio e o bello caes de *Kiaia*, a *Villa Reale*, e muitos palacios. — É verdade que n'uma d'essas collinas alevanta-se e fumeja o Vesuvio; mas na outra ergue-se e verdeja o loureiro do tumulo de Virgilio. — Essa fortaleza que penetra no mar, esses palacios que estão em vol-

(2) Sirvo-me da traducção do nosso Filinto Elysio.

ta, esse Vesuvio, que a sua reverberação inflama, esses ventos que a atormentam, essa ilha de Caprea que lhe serve de limite, e, finalmente, esse sol brilhante, que todos os dias passa, para ir de um hemispherio a outro: tudo isto fórma um painel, uma situação, um encantamento que é impossivel reproduzir... Ah! que póde fazer-se Napoles, que não seja gosar e viver?» (1)

Em verdade, poucas cousas ha na terra tão formosas com a cidade de Nopoles, quando ali se entra por mar, pois que ella se espraia, em parte, pelo declivio de uma alta collina, e, em parte, em volta da praia, que tem pouco mais ou menos a forma de um crescente.

É defendida por tres fortalezas: *Castello-Nuoro*, perto do porto, ligado por meio de um caminho coberto com o palacio Real; *Castel dell'Ovo*, assim denominado em rasão da sua fórma oval, situado no mar, sobre um rochedo, que uma lingueta estreita liga com o caes; e a fortaleza de *Santel-*

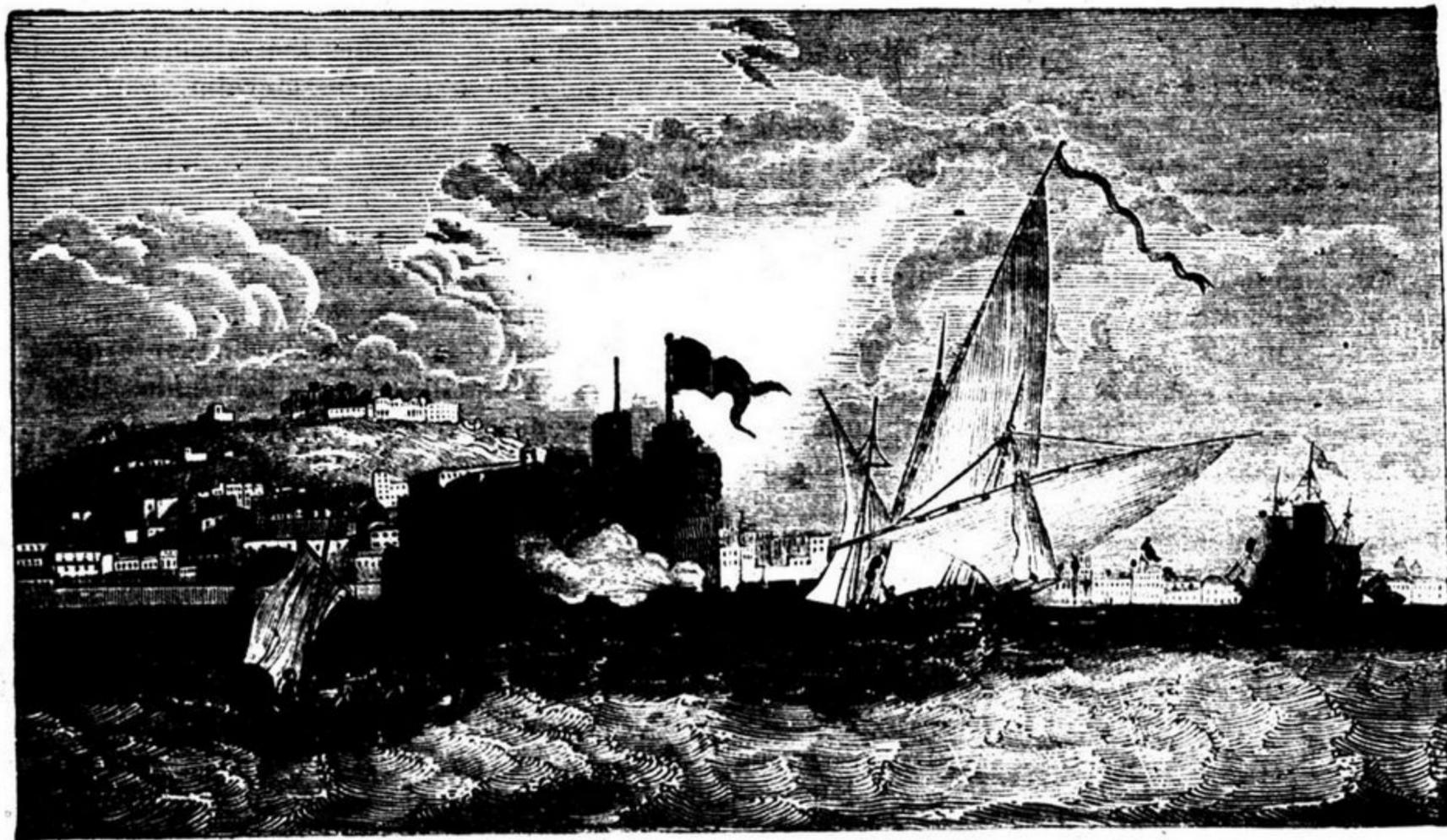
mo, em uma collina ao poente da cidade, que mais parece dominar esta ultima do que defendel-a.

A primeira fortaleza, *Castello-Nuoro*, é precisamente aquella que a nossa estampa representa.

As ruas de Napoles são pela maior parte estreitas. Entre ellas, porém, distingue-se a famosa rua de Toledo, que tem perto de meia legua de comprimento, e é uma das mais bellas da Europa.

Entre as suas praças distingue-se a do Palacio Real: sendo este ultimo um edificio magnifico, e muito notavel pelas bellezas de architectura.

Os arredores de Napoles são de todo ponto curiosos, e até interessantes para os antiquarios e para os sabios. Não ha um só viajante, que se esqueça de visitar o Vesuvio, a Solfatara, a curiosa gruta do cão, os banhos de Nero, as aguas mineraes de Castellamare, o monte Pausilippo, o tumulo de Virgilio, as ruínas dos banhos de



Napoles

Lucullo, o palacio de Portici, e as ressuscitadas cidades de Herculanium e de Pompeia.

Attribue-se a origem de Napoles aos Gregos, que lhe deram o nome de *Parthénope*; os Romanos lhe chamaram *Neapolis*.

Devemos notar que a ilha Caprea, tão famosa pelas devassidões e crueldades de Tiberio, tem hoje o nome de Capri.

O SONHO DE JOÃO PAULO

I

João Paulo Richter é um admiravel representante do velho *humour* allemão, d'aquelle melancolico pensar, d'aquella meditação apparentemente diffusa, vaga, sem fins determinados, que pa-

(1) *Lettres sur l'Italie*.

rece embrenhar-se, por mero capricho, no intricavel labyrintho de ignotas estancias, nos intermundios e nas flores, na deveza alpestre ou no penetral domestico.

E, comtudo, este divagar phantasioso, que passa, sem transição nem continuidade, das innocencias infantis aos arrebatamentos da loucura; isso, que se denomina *humour*, e que nós os meridionaes mal sabemos ou podemos comprehender, é o que dá a verdadeira originalidade, a poderosa fecundidade ás litteraturas teutonicas.

As raças septentrionaes possuem em alto grão o que um auctor denominou «esthetica da rasão», um certo acuramento, uma maleabilidade desmesuravel das fuculdades inventivas, que, no meio dos maiores desregramentos, permite que o fio nunca se quebre, nem se perca, nas escuridões do desco-

nhecido, a estrella do norte, que conduz e guia o homem ao porto bonancoso e socegado.

As duas grandes raças, que povoam a Europa entre o Vistula e o Tejo caracterizam-se admiravelmente pelo excesso da imaginação, que uma tem sobre a outra.

Dotadas de igual energia potencial de raciocínio, a raça latina ganha em vivacidade, o que a germanica aufere em imaginativa.

Os latinos são positivos na forma; em tudo querem ver o lado pratico das cousas, e correm impetuosos aonde o interesse os chama, aonde podem conquistar alguma vantagem ou ganancia.

Não já assim os teutonicos. Ardentes, sob apparencias frias; inflexiveis e severos, apesar da sua *bomhomia*; completamente positivistas na essencia, deixam que a imaginação creadora latta as azas e vôe á folga nos plainos desconhecidos. Chegado o momento propicio colhem a vela ao batel desnordeado, e voltam ricos de despojos e riquezas.

Nós somos mais frivolos no fundo; elles são-n'o principalmente na forma.

É esta frivolidade apparente que os inglezes denominam *humour*, que os meridionaes não comprehendem.

É com o *humour* que elles nunca perdem o fim sério, phylosophico, pratico, que levam em mira, no meio das loucas divagações.

Abramos um livro verdadeiramente *humouristicos*. Pederá acontecer-nos a nós, os humens que fitam um firmamento eternamente azul, que esse livro nos enfade e incommode, em vez de nos divertir.

Pelos divertimentos se differencam os povos. Tal povo, tal divertimento, e acaso tambem, tal civilisação, tal divertimento.

Os divertimentos da raça latina são o somno da rasão; os da raça germanica são mais alguma coisa: — a meditação —.

Este meditar perpetuo é o *humour*, com os seus desvarios e loucuras, com as suas creações hybridas e phantasticas, com o seu joco-serio incomprehensivel, com os seus incontrastaveis paralellos, com todos os desregramentos, emfim, que confluem para um fim util.

O *humour* é o espirito da analyse, que, como o espirito de Deus, paira por sobre as montanhas e insinua-se por toda a parte.

Este pendor para a analyse das coisas minimas embota o sentimento, comquanto gere a melancolia, a qual, quando exanima, torna-se *spleen*, e conduz muitas vezes ao suicidio.

D'aqui outra grande differença. Os latinos sobrelevam em sentimento, synthese de todas as paixões; os teutonicos sobrepujam-nos em sensibilidade, em superexcitação analytica, que póde produzir funestos effeitos individuaes, mas assegura o poderio e a superioridade da raça.

O homem perde com a sensibilidade em gosos e fruições; a humanidade ganha, porém, em progressos e adiantamentos.

A phylosophia da historia consiste principal-

mente em comparar os factos com o genio dos povos.

Comparando a raça celtica com a raça germanica, ambas primitivas, para logo vemos o motivo porque aquella foi vencida e subjugada pelos romanos, enquanto esta resistio ao embate das hostes e legiões dos consules a imperadores.

Da mesma sorte explicaremos Luthero e Melancthon, S. Domingos e Loyolla, a reforma e a inquisição, o livramento e a escravidão.

A historia da humanidade é um quadro immenso, em que os caracteres dos diversos povos e civilisações se gravam mais ou menos profundamente e se destacam com mais ou menos energia. As ligações, comtudo, nunca se interrompem, e ás vezes a figura modesta de um homem que teve a ventura de consubstanciar os defeitos e qualidades da sua patria, resae e deixa nas sombras o busto do conquistador, que com o terrivel derrubar do sobreceño fazia tremer os povos.

João Paulo é um d'esses homens raros. Só os allemães o lêem; só elles lhe sabem comprehend a profunda e trega melancolia, porque João Paulo, mais do que Schiller e Goethe, mais do que Claudius e Beurger, Tieck e Wieland, o auctor do *Sternbald* e o do *Oberon*, é a personificação completa do caracter germanico.

João Paulo é por excellencia o escriptor *humouristico*, na grandiosa accepção da palavra.

Compara-o com a pleiade brilhante que, na Inglaterra, Allemanha e Estados-Unidos, tem cultivado o genero.

Hoffman é mais irritavel, e ao mesmo tempo mais infantil. Heine é neste seculo o que Wieland foi no outro: linha de passagem entre o meiodia da Europa e a Allemanha.

Stern é mais alegre e folgasão.

Edgardo Poe é um doido, cujos intervallos lucidos são como as rasgaduras do firmamento nas trevas de um carcere.

João Paulo vive da Allemanha e para a Allemanha. Chora quando sorri. A sua melancolia é serena e piedosa. Transporta o leitor ás eminencias placidas; embala-o num berço de nuvens; encobre-lhe os abysmos e precipicios; lança-lhe na alma a confiança e a fé; tange-lhe uma harpa suavissima, ás vezes monotona, cujas notas são queixumes melancolicos, toadas longinquas, murmurios flebeis, notas sem écco, ás vezes tristes ressonancias.

De repente, e quando o leitor cae immerso, cançado já de tanta serenidade, rasga-se o véo, abre-se o abysmo, erguem-se as chammas, irrompe a labareda immensa, tolda-se de nuvens o céu, a victima incauta contorce-se nos braços do algóz, e o mal e-o bem luctam á porfia e arca por arca.

João Paulo é, pois, e principalmente, um grande moralista. As suas obras são um codigo de preceitos e aphorismos.

O seu talento é sombrio e tetrico; mas por entre os negrumes reluz sempre a estrella, que de quando em quando allumia como o sol.

João Paulo, á feição dos seus compatriotas, tem a alegria phylosophica. Não ri sem saber porquê. Mas quantas vezes chora sem motivo!

Muito rizo pouco sizo, diziam os nossos maiores, que riam no meio da tormenta, quando as ondas se erguiam soltando a terrivel grita de fúrias e lamentos.

Pois o riso de João Paulo é tambem um desafio, uma lucta.

As vezes os seus queixumes attingem as imprecações do Dante. As vezes os seus personagens riem como Ugolino roendo o cerebro do bispo.

Assim acontece na ballada, que João Paulo intitulou: «Um sonho» que apresentamos como *specimen*, como uma das mais características.

Nesta ballada, conforme muito bem diz M.^{me} de Stael, a celebrada auctora da *Delphina* e *Corinna*, quiz João Paulo mostrar os perigos do atheismo, e explanar em admiravel poesia o pensamento de Bayle, quando escrevia: *o atheismo não deve destruir o temor do soffrimento eterno*.

(Continúa)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

O PRIMEIRO BEIJO

(Continuado de pag. 391)

II

Noite de trevas

Precedera a invasão franceza um panico a que poucos lograram forrar-se; pois que na vanguarda das phalanges de Sout, de Massena e de Junot vinha o pavor, o desanimo e a desconfiança. Tratavam todos de pôr em seguro os seus objectos mais preciosos ou de sotterrarem os seus capitaes amontoados, para os furtarem ás avidas mãos dos invasores.

O avô de Paulo era já a esse tempo descaído em annos e casado com uma senhora muito mais nova do que elle e com decidida tendencia para desperdiçar dinheiro.

Era pequena a casa vinculada, e só opulentada pelos bens livres e dinheiros accumulados em boas e loiras peças, que os irmãos segundos tinham ido ajuntando, atravez dos seculos para completarem aquelle nucleo da familia feudal a que chamavam vinculo. O terror d'aquella época fez ao fidalgo esconder perto de quarenta contos, que nos seus coffres possuia, e d'esta inhumação foi confidente apenas um creado velho que havia em casa. O susto porem, abalando o animo do precavido fidalgo, originou-lhe grave doença, que o teve pendente sobre os abysmos do tumulo. Quando se viu prestes a baixar ao seio da terra, onde jazia o seu thesouro, declarou á esposa que tinha aquella quantia sotterrada, e que, no caso de seu passamento, soubesse do creado confidente o local do enterramento.

Venceu a natureza a doença e com grande comprazimento, ao menos aparente, de toda a familia festejou-se a convalescença do velho fidalgo.

Se as tisanas e mais boticadas prescriptas pelo medico haviam muito influido na cura d'aquella

enfermidade, não menor quinhão houvera n'ella o divino auxilio, obtido pela invocação de uma milagrosa imagem do Menino Jesus, que se venerava em uma capellinha, e ao qual o doente promettera ir visitar, amortalhado pelas proprias mãos, subindo de joelhos a naye toda, desde a porta da entrada até defronte do altar, onde em envidraçada maquineta se via o milagroso Menino, vestido de casaca, calção e meia, de chapéo armado e espada, como é de uso na Beira mascararem o tenro filho da Virgem.

Fôra bom cavalleiro o fidalgo, e, apesar do habito de S. Francisco que como mortalha trajava, ateimou em ir até perto da capella, cavalgando um fogoso machinho, que a doença do cavalleiro trazia mais folgado e desinquieta. Aconteceu defrontar na estrada com um carro, cujo eixo vinha fazendo aquella infernal chiadeira tão querida dos carreiros, e o machinho fez reparo; apertou com elle o fidalgo, e desmanchou-se o animal; insistio ainda o cavalleiro, lembrado de antigos brios, mas, pouca validas ainda as pernas, e mais violento o abalo, sacudiram o cavalleiro com tanta infelicidade fóra da sella que, indo bater com a frente de encontro a uma pedra, caiu redondamente morto, tal como se havia pelas proprias mãos amortalhado.

Correu logo a noticia ao solar de Mello e o velho creado, cujo coração se expandia ao ver melhorar o amo, colhido tão de subito pela infausta nova, pendeu com a vertigem d'uma apoplexia, e com elle baixou á terra o segredo do diabeiro escondido.

Seguiu-se a invasão, a familia andou foragida, e só quando, depois da paz, o successor veio tomar conta da casa, é que procedeu a algumas pesquisas inuteis.

Muito novo, e herdeiro das propensões de sua mãe, o novo senhor começou a dissipar os bens livres, sempre na esperanza frustrada de descobrir o escondido thesouro. Casou pouco depois, por uma destas paixões — caprichos em que o coração não é sufficientemente consultado, com uma senhora de genio intratavel e espirito leviano, da qual houve Paulo, depois de cujo nascimento a desunião foi completa no seio da familia.

Familia? Póde este conjuncto de elementos dissolventes, que mutuamente se repellem, que se ligam por uma reciproca repugnancia, constituirem o nexu intimo da familia que só o sentimento deve estreitar? A mulher que dá ao marido os vestigios de uma suspeita; os filhos, ácerca de cuja paternidade o demonio da duvida corroe o espirito do homem, que lhes dá o nome de pae; os irmãos, que a má vontade desune; a mãe, que descursa a educação moral de seus filhos, pódem, por ventura, constituir esse santo prototypo das sociedades humanas? Pódem as prisões convencionaes da vida social substituir os doces laços com que o sentimento e a affeição devem unir os corações, interesses e vontades no seio da familia quando o lar domestico é um sanctuario em vez de ser um equúleo?

Paulo, educado por sua tia nos sãos princípios dos bons sentimentos, assistiu áquelle desmoronar lento e progressivo da sua casa e chorou-lhe a alma, não pelos haveres que se esbanjavam, mas pelo rico thesouro de affeições que ia perdido. Sua tia morrera, e elle, o mancebo de quinze annos, orphan de todo o affecto, vagou no mundo como phantasma errante em busca de um carinho, que debalde pediu ás mulheres a quem dedicou um culto ephemero.

Vergou-o o peso de tanto desventura; tolheu-o o desalento, e as novas desgraças sobrevindas encontraram-o revestido d'essa coragem passiva, que não luta braço a braço para demandar o porto da felicidade, mas que curva a cabeça resignada e indifferente á onda adversa que nos balança a seu capricho.

O amor é o pharol unico que póde guiar a porto seguro o homem perdido entre trevas tão densas! Só o amor grande e sublime inocula alentos no espirito assim inerte e sem vida, mas que póde vergar-se ainda, se entre a expansão das esperanças, a lufada indomita da desgraça o vem fustigar de novo.

Paulo começava a reviver pelo amor de Angelica; via o mundo sob um aspecto mais risonho, Deus com um sorriso de mais ineffavel clemencia, e o porvir mais promettedor de assasonados fructos de incomparavel felicidade.

A rajada da sorte adversa, porem, não se fez esperar. D. Leonor, doze annos infecunda, sentiu-se novamente gravida e o receio de que nascesse filho varão fez demorar os aprestes todos de casamento da que se considerara até alli a morgada.

Alguns mezes de incerteza e de duvida tiveram o seu epilogo de desespero para o pobre namorada no nascimento d'um filho varão, robusto e viavel, que promettia ser o herdeiro e successor de D. Caetano de Athayde.

O bondoso pae, abraçando sua mulher com uma lagrima de alegria, não podia esconder outra de magoa que lhe brincava nos olhos, ao lembrar sua filha a quem aquelle nascimento vinha roubar a riqueza toda e com ella as esperanças de sonhadas felicidades!

Belleza incomparavel da lei dos vinculos!

Era de ver, comtudo, como a pobre menina, expoliada de quanto podia tapetar de flores a sua vida, acariciava o recém-nascido com os effluvios de uma ternura fraternal, que mais parecia a prelibação dos já sonhados deleites do materno amor!

Esquecida de si, do seu futuro, da perspectiva risonha que phantasiara, queria áquelle creança que era o seu sangue, que era pequenino e que era innocente; queria-lhe como sonhara que havia de querer a um filho seu... filho de um amor ardente e puro!

O desalento prostrára Paulo completamente. D. Caetano chamou-os um dia e disse-lhes com olhos marejados de mal disfarçadas lagrimas:

— Aprove á divina Providencia, meus filhos, dar-me um herdeiro do meu nome e da minha

casa; abençoados sejam os seus inescrutaveis designios. Este facto vem transtornar muito os nossos planos de familia, meu querido Paulo. Angelica não é já a rica herdeira, que no marido busca apenas luzimento para o seu nome. Hoje precisa de um arrimo, de um amparo... e a sua casa Paulo... sabe bem o estado d'ella. Esta dura verdade, que apenas o amor de meu filho recém-nascido póde mitigar, dóe muito ao meu coração de pae! Mas carecia de coragem para lh'a dizer. Não serei eu nunca quem me opponha á felicidade da minha querida Angelica, mas não posso consentir tambem na sua desventura. Quero-lhe muito! quero-lhe tambem a si, Paulo, cuja convivencia me fez cada dia encontrar novos dotes no seu excellente character. Dóe-me o coração de lhes arrancar uma illusão que, ainda mal! nutrira no espirito por tanto tempo. Mas, enfim, são creanças, e a mocidade a tudo resiste.

O que áquella scena se seguiu não sei dizel-o; o que posso affiançar é que no fim do colloquio eram tres os que choravam abraçados todos.

— Pois bem! concluiu o velho, serenando um pouco o espirito e respondendo ás phrases ardentes de Angelica. Esperaremos. São muito novos e não os acobarda esperar. Seja assim!

— Obrigado, meu pae! Vae, Paulo. Sê homem, que se não houver a opulencia de nos affagar, eu viverei contente na mediania.

Paulo não tivera uma phrase só n'aquelle dialogo, mas parecia o homem fulminado, phantasma de si mesmo, erguido do proprio tumulto, sem uma lagrima nos olhos, sem uma esperança no coração, sem uma idéa no cerebro.

— Trabalha, estuda e sê grande! continuou ainda a donzella, estreitando-lhe a mão fria e inerte como a de gellido cadaver.

Pouco depois a dôr de Angelica havia-se contagiado a toda a familia. João Antonio não fazia senão dizer, a rociar de lagrimas as cãs que lhe adornavam a face:

— Coitadinha, minha pobre menina, porque soffre assim quem tão boa é!...

A aia repetia os lamentos do escudeiro, exclamando:

— Tive muito prazer em ver o morgadinho da minha menina nos meus braços... mas, se eu soubesse que tanto havia de soffrer aquelle anjinho de Deus, antes queria que este menino não houvesse nascido!

Miss Fanny chorava tambem com a magoa da sua antiga discipula; o capellão lastimava o succedido, e até a pobre mãe, entre os effluvios do amor que desabrochava por seu filho recém-nascido, sentia um espinho pela magoa de sua filha.

Excellencia sublime da lei dos morgados!

Tal era o motivo porque Paulo e Angelica choravam por uma bella manhã de maio, no dia seguinte ao do colloquio havido com D. Caetano de Athayde, no jardim do palacio, conforme os surprehendemos no começo desta narrativa.

(Continua)

C. B.